



Empreendedorismo Internacional em Cursos Superiores de Administração Brasileiros

Ramón Andrés Ortiz-Rojo¹
Adonai José Lacruz^{1,2}

¹ Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, Brasil

² Instituto Federal do Espírito Santo, Viana, Brasil

Resumo

O objetivo deste estudo é descrever como o tema Empreendedorismo Internacional tem sido abordado nas disciplinas dos cursos superiores de administração no Brasil. Para tanto, foi realizado levantamento das ementas das disciplinas dos cursos de Administração das universidades federais brasileiras. Os dados foram investigados por meio de análise lexical e análise de conteúdo. Resultados indicam que somente 4 das 57 universidades federais brasileiras com cursos de Administração no Brasil (7%) tem a disciplina Empreendedorismo Internacional de forma direta. Além disso, emergiu da análise hierárquica descendente e da análise de conteúdo que, maioritariamente, os conteúdos dos cursos se relacionam com os aspectos burocráticos e regulamentários da exportação e importação. Sugere-se uma maior aderência ao tema Empreendedorismo Internacional tanto nos cursos superiores de administração, como na pós-graduação para contribuir com seu avanço no país. Além disso, a inclusão de temáticas como inovação, gestão e estratégia para um empreendimento internacional alcançar o mercado internacional; o ambiente internacional que a empresa enfrentará nesse processo; bem como aspectos relacionados diretamente com o empreendedor que potencializem suas capacidades de gestão e de assimilar o cenário global.

Palavras-chave: Empreendedorismo internacional, Cursos superiores de administração, Universidades federais brasileiras

1. INTRODUÇÃO

Desde a década de 1990, os empreendimentos internacionais têm experimentado um significativo aumento, provocando o incremento das pesquisas sobre o tema Empreendedorismo Internacional (EI) (Zahra & George, 2002). Os cursos superiores em administração no Brasil, na tentativa de se adaptarem às necessidades do cenário global, começaram a incluir, mesmo que de forma tardia e ainda insuficiente, o tema empreendedorismo nas suas grades curriculares (Flores, Hoeltgebaum & Silveira, 2008; Vieira et al., 2013).

Segundo Zahra e George (2002), pesquisadores a partir de teorias sobre negócios internacionais e empreendedorismo, é que tentaram definir o EI. De acordo com esses autores, essa foi a visão de pesquisadores que observaram basicamente que algumas

¹ ramonandres.31@gmail.com

² prof.lacruz@gmail.com

Ortiz-Rojo, R.A., Lacruz, A.J.; Empreendedorismo Internacional em Cursos Superiores de Administração Brasileiros. Revista de Empreendedorismo e Gestão de Micro e Pequenas Empresas V.8, Nº2, p.68-87, Mai/Jul. 2023. Artigo recebido em 12/05/2023. Última versão recebida em 20/06/2023. Aprovado em 01/07/2023.

empresas se internacionalizavam de forma mais rápida, muitas desde seu nascimento. Esse foi o caso de Oviatt e Mcdougall (1994) em relação às “*international new ventures*” (INV), bem como dos autores Knight e Cavusgil (2004), que posteriormente utilizaram o termo já existente, “*Born Global*” (BG).

Inicialmente, as definições para o EI compreendiam as abordagens de INV e BG, focadas, de forma geral, no ato empreendedor realizado por um indivíduo que assumia riscos e em busca da criação de valor. Posteriormente, foi incorporada a ideia de que empresas já estabelecidas e de diversos tamanhos, também desempenhavam atividades empreendedoras na medida que elas se inseriam no cenário internacional, entendendo-se assim, que deviam ser consideradas dentro do EI (Zahra & Garvis, 2000). A pesquisa sobre o EI no Brasil, é mínima. Isto fica evidente ao observar a baixíssima porcentagem de trabalhos publicados sobre o tema, 2,57% informada por Bacelar e Teixeira (2016) e 2,8% informada por Oliveira Junior et al. (2018) nas suas revisões sistemáticas. Porém, salientando que essa produção não é tida como área de estudo independente, mas informada como uma temática dentro da área empreendedorismo (Bacelar & Teixeira, 2016; Oliveira Junior et al., 2018).

Dentre os fatores que facilitaram o aumento no surgimento de novos EI, estão os avanços nas tecnologias, nas comunicações e nos transportes (Knight & Liesch, 2016; Meyer, 2017; Steenkamp, 2019). Nesse contexto, empresas ao empreenderem para a conquista do mercado internacional, é que se enfrentam a um cenário cada vez mais dinâmico e desafiador (Vahlne & Johanson, 2017), em que só a capacidade de assumir riscos não basta, também é fundamental uma capacidade inovadora e de adaptação ao contexto que a empresa enfrenta (Knight & Liesch, 2016). Nesse sentido, cabe se questionar sobre o preparo necessário dos chamados a serem os administradores/empreendedores das empresas que realizam essa empreitada internacional. Mais especificamente, cabe perguntar como os cursos de administração abordam o tema EI.

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) faz um apelo para uma educação global, em que as motivações para aquilo estão ligadas à crescente interdependência e interconectividade entre os países nas áreas econômica, cultural e social (UNESCO, 2013). No contexto brasileiro, e considerando o asseverado por Zahra e George (2002) em relação ao surgimento do EI tendo como uma de suas bases o empreendedorismo, bem como a baixa produção científica sobre EI que é considerada como uma temática dentro da área empreendedorismo (Bacelar & Teixeira,

2016; Oliveira Junior et al., 2018), observamos que o cenário não tem mudado muito, sendo que para Leite e Morais (2014), o empreendedorismo é ainda pouco estudado no Brasil. Iizuka et al. (2015) afirmam que a produção sobre empreendedorismo no Brasil é pulverizada com uma participação mínima de algumas IES nacionais. Borges et al. (2013) consideraram o empreendedorismo no país como um campo ainda emergente, que possui um número baixo de programas de pós-graduação com linhas de pesquisa que tratem especificamente o tema. Para Campos et al. (2020) a oferta de disciplinas que considerem o empreendedorismo em cursos de pós-graduação *strictu sensu* no Brasil, ainda é muito reduzida.

Assim, perante essa problemática, o objetivo deste estudo é descrever como o EI tem sido abordado nas disciplinas dos cursos superiores de Administração no Brasil. Neste estudo, busca-se contribuir com reflexões em relação à abordagem do tema EI nos Cursos Superiores de Administração, e por sua vez se reflete em como esses cursos preparam seus formandos para um cenário global e dinâmico em que as empresas se vêm imersas.

2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

2.1 EMPREENDEDORISMO INTERNACIONAL

O fenômeno do EI, que vem incrementando sua relevância de forma significativa (Baier-Fuentes et al., 2019), surge da busca por entender e definir empresas com processos de internacionalização desde sua concepção ou muito próximo daquilo. Esse entendimento foi procurado a partir de duas áreas de pesquisa, os negócios internacionais e o empreendedorismo (Zahra & George, 2002).

Durante décadas, as empreitadas internacionais de empresas vêm sendo estudadas. Segundo Teixeira et al. (2018), entre as teorias mais utilizadas por pesquisadores em se tratando de internacionalização de empresas, estão o modelo de Uppsala de Johanson e Vahlne (1977), a teoria do paradigma eclético de Dunning (1980), e já mais recentemente, em que se produz o surgimento de pesquisas abordando os processos de internacionalização de empresas que o faziam de forma mais acelerada, está o caso dos INV de Oviatt e McDougall (1994) e a abordagem das empresas BG de Knight e Cavusgil (2004).

No trabalho seminal de Oviatt e McDougall (1994), os autores definem INV como uma organização comercial que, desde o início, busca obter vantagens competitivas significativas com o uso de recursos e a venda de produtos em vários países. Similar

definição é dada por Knight e Cavusgil (2004), autores que tratam das empresas *Born Global*. Para esses autores, as BG são empresas que desde sua fundação, ou muito próximo dela, buscam se expandir para mercados internacionais. Essas empresas se caracterizam por possuir uma forte cultura inovadora, pela capacidade para desenvolver produtos de avançada tecnologia, bem como pela capacidade de controlar ativos, permitindo-lhes desenvolver um processo de internacionalização muito rápido (Knight & Cavusgil, 2004). Outra definição mais atual é a de Zahra et al. (2014). Os autores definem o EI como o reconhecimento, formação, avaliação e exploração de oportunidades além das fronteiras nacionais para criar novos negócios, modelos e soluções de criação de valor, que incluem os aspectos financeiro, social e ambiental. É importante notar que para esses autores a definição do EI abrange empresas de todo porte, bem como as que se internacionalizam desde seu nascimento como as BG, e empresas já estabelecidas que buscam se expandir aproveitando oportunidades de empreender internacionalmente.

Vahlne e Johanson (2017) salientam que os negócios internacionais, em geral, vêm experimentando mudanças radicais, da mesma forma, e mais especificamente, o EI também é afetado pelas mudanças no cenário global (Zahra, 2021). Principalmente, mudanças têm sido observadas desde a década de 1990, em que irrompem no cenário internacional as empresas de porte menor.

Entre as causas que propiciaram uma maior participação dessas empresas de porte menor no mercado internacional, estão a implementação de novas políticas de abertura econômica (Coelho & Junior, 2016), o avanço nas tecnologias, nas comunicações e nos transportes (Knight & Liesch, 2016; Meyer, 2017; Steenkamp, 2019). Assim, possibilitou-se que cada vez mais empresas menores iniciassem seus processos de internacionalização, sendo que para Schweizer, Vahlne e Johanson (2010), a internacionalização de uma empresa pode ser vista como um esforço para melhorar seu posicionamento numa *network*, ou como resultado de uma ação empreendedora.

Segundo Oviatt e McDougall (1994), os INV se distanciam das características tradicionalmente conhecidas das empresas multinacionais (Dunning, 1980). Para esses autores, as novas inovações na tecnologia (Knight & Liesch, 2016) e a presença de um número crescente de pessoas com experiência em negócios internacionais, facilitaram o avanço dos INV. Oviatt e McDougall (1994) acrescentam que o fácil acesso e uso da tecnologia, a melhora nas comunicações e nos transportes possibilitaram uma maior capacidade de descobrir e aproveitar oportunidades de negócios em diversos países (Reuber et al. 2018), não sendo mais uma exclusividade das empresas de grande porte.

Sendo que para Zahra e Garvis (2000) e Zahra et al. (2014), empresas de todo porte e idade podem ser consideradas como um EI.

O contexto supracitado dos novos empreendimentos internacionais, imersos num cenário global dinâmico, nos convida a refletir sobre o papel que desempenha o administrador/empreendedor, seja numa pequena empresa ou numa de grande porte. Nesse sentido, acredita-se que os chamados a ocuparem essas posições são os novos administradores formados pelos Cursos Superiores em Administração. Ao pensarmos em um cenário a ser enfrentado por um empreendimento internacional, diversos fatores podem ser considerados (Autor, 2021), por outro lado, também deve se considerar esse cenário no tocante à formação de um novo profissional com uma visão global.

Para a UNESCO, num mundo cada vez mais globalizado, foram levantadas questões sobre o que constitui uma cidadania significativa e sobre suas dimensões globais. O estabelecimento de convenções e tratados internacionais, o crescimento de organizações transnacionais, corporações e movimentos da sociedade civil e o desenvolvimento do marco dos direitos humanos, têm implicações significativas para uma educação global (UNESCO, 2015). Para a UNESCO, a educação global refere-se a um sentimento de pertencimento a uma comunidade mais ampla e a uma humanidade comum. Ele enfatiza a interdependência política, econômica, social e cultural e a interconexão entre o local, o nacional e o global.

Assim, em se tratando de novos administradores/empreendedores, e da formação para entender e atuar no cenário já antes descrito que enfrentam os novos empreendimentos internacionais, cabe o questionamento sobre o preparo oferecido nos Cursos Superiores em Administração no Brasil. Segundo a UNESCO (2013), como já mencionado, o entendimento desse global está ligado à crescente interdependência e interconectividade entre os países nas áreas econômica, cultural e social, através do aumento do comércio internacional, migração, comunicação, etc. E nesse sentido, como o agir de cada indivíduo tem implicações nas decisões do dia a dia que conectam o global com o local e vice-versa.

No contexto brasileiro, Leite e Moraes (2014) afirmam que o empreendedorismo é um tema ainda pouco estudado, isto considerando que o empreendedorismo foi uma das bases para o surgimento e estudo do EI (Zahra & George, 2002). Já em relação à formação em Administração no Brasil, e de como se aborda o tema empreendedorismo nas universidades, Borges et al. (2013) consideram o empreendedorismo no Brasil como um campo ainda emergente, que possui um número baixo de programas de pós-graduação

com linhas de pesquisa que tratem especificamente o tema. Para Campos et al. (2020) a oferta de disciplinas que considerem o empreendedorismo em cursos de pós-graduação *strictu sensu* no Brasil, ainda é muito reduzida. Perante essas afirmações, em que o empreendedorismo na pós graduação brasileira vê-se de certa forma negligenciado ou retrasado, necessário se faz para este estudo, entender o que acontece na graduação em Administração em relação ao EI, sendo que a pesquisa na pós graduação -segunda missão da universidade- é a encarregada de atualizar e alimentar o ensino na universidade - primeira missão da universidade (Santos & Almeida Filho, 2012).

2.2 CURSO DE ADMINISTRAÇÃO E EMPREENDEDORISMO

De acordo com Autor (2007), no Brasil, o Curso de Administração tem seu início no ano de 1952, com a fundação na cidade do Rio de Janeiro da Escola Brasileira de Administração Pública (EBAP) pela Fundação Getúlio Vargas (FGV). A EBAP estabeleceu-se seguindo modelos estrangeiros, especificamente de universidades norte-americanas. Posteriormente, a FGV criou a Escola de Administração de Empresas de São Paulo (EAESP) na capital econômica e cerne da iniciativa privada do país.

O Curso de Administração, desde sua fundação vem apresentando um aumento considerável em universidades públicas e privadas. Will e Pacheco (2012) informam as orientações para o projeto pedagógico dos cursos de administração. Esses projetos devem contemplar a organização do Curso de Administração com o perfil do formando, as competências e habilidades, os componentes curriculares, o estágio curricular supervisionado e as atividades complementares. Além disso, que o Curso também deve incluir o sistema de avaliação, o projeto de iniciação científica, ou o projeto de atividade, o Trabalho de Curso - deixando este último como componente opcional da instituição -, o regime acadêmico de oferta e outros aspectos que possam tornar consistente o projeto pedagógico da instituição de ensino superior.

Desde o nascimento do Curso de Administração no Brasil, na década de 1950, mudanças têm sido evidenciadas a nível mundial, na economia, na educação e transversalmente em diversas áreas. O Curso de Administração, não pôde se furtar a essa realidade, sendo que uma das inclusões feitas no ensino superior em administração, foi a do empreendedorismo como temática nas suas grades curriculares (Henrique & Cunha, 2008), inclusive, mesmo que de forma tímida, ganhando, aos poucos, terreno nas universidades brasileiras (Flores, Hoeltgebaum & Silveira, 2008; Vieira et al., 2013; Silva & Patrus, 2017). Porém, não existindo ainda um modelo unificado para o ensino do empreendedorismo no Brasil (Henrique & Cunha, 2008).

Ainda segundo Henrique e Cunha (2008), um modelo para o ensino do empreendedorismo no Brasil, seria essencial no sentido de combater aspectos negativos como o altíssimo percentual de 60% de empresas nacionais que fracassam após os quatro anos de sua concepção, bem como para aspectos como a falta de incentivos financeiros, entre outros para que as IES pudessem formar profissionais capacitados para o mercado. Nesse sentido, Vieira et al. (2013) asseveram que o tema empreendedorismo nas IES brasileiras, possui ainda uma forte tendência para os aspectos teóricos em detrimento de práticas que poderiam trazer mais próximo ao aluno da realidade do empreendedorismo mundo afora. Concordando com esses autores, observa-se uma falta de integração IES/comunidade que ajude na superação dessa falência e possibilite um maior engajamento da universidade com a comunidade (Thomas & Pugh, 2020).

Em relação à produção científica sobre EI no Brasil, vemos que se a pesquisa sobre empreendedorismo é entendida como iniciante por diversos autores (Henrique & Cunha, 2008; Flores, Hoeltgebaum & Silveira, 2008; Vieira et al., 2013; Iizuka et al., 2015; Bacelar & Teixeira, 2016; Silva & Patrus, 2017; Oliveira Junior et al., 2018; Oliveira et al., 2020), a produção sobre EI é marginal. De acordo com Bacelar e Teixeira (2016), que analisaram a produção científica sobre empreendedorismo no Brasil, dentre as 15 temáticas abordadas por autores, o EI representou 2,57% do total da produção analisada. Mesma análise fez Oliveira Junior et al. (2018), informando que dentro da área empreendedorismo a internacionalização -entende-se aqui representado o EI- foi 2,8% do total dos trabalhos produzidos.

Nesse contexto, há muito caminho a percorrer em relação à pesquisa sobre EI, sendo que no Brasil o EI é considerado dentro da área de pesquisa de empreendedorismo, mas ainda de maneira muito tímida. Na mesma linha, segundo Oliveira Junior et al. (2018), o empreendedorismo sequer possui uma área própria dentro da Associação Nacional de Pós-Graduação em Administração (ANPAD), sendo considerado como uma subárea dentro da área de pesquisa de estratégia. A situação da pesquisa do EI mundo afora, é bem diferente, Segundo Oliveira et al. (2020), as produções sobre empreendedorismo tiveram um aumento marcado a partir de 1994, justamente época de publicação do trabalho seminal de Oviatt e McDougall (1994) que até hoje guia diversas pesquisas sobre EI. Oliveira et al. (2020) acrescentam que 22% das publicações correspondiam ao tema dos novos empreendimentos- concordando nessa asseveração com Zahra et al. (2014) sobre o início de pesquisas sobre INV e as BG, e 18% dos trabalhos correspondiam ao EI, especificamente. Vemos que ao contrário do que ocorre

internacionalmente, o EI no Brasil é abordado de forma marginal e dentro do empreendedorismo que ainda é considerado como área em estágio inicial de desenvolvimento. Iizuka et al. (2015) acrescentam que a produção sobre empreendedorismo no Brasil é pulverizada e que em 12 anos, 21 IES apresentaram somente 1 artigo sobre o tema.

Por outro lado, além do antes exposto sobre a falta de pesquisa no empreendedorismo de forma geral, como do EI especificamente, está a necessidade de ampliar a conceptualização do que deve incluir um projeto curricular para o Curso de Administração, sendo que para a Unesco (2013), há necessidade de um entendimento do cenário global, e que esse entendimento se faz preciso devido à crescente interdependência e interconectividade entre os países nas áreas econômica, cultural e social. Um fator importante no sentido de propiciar e facilitar o entendimento e atuação nesse cenário global, é o domínio de línguas estrangeiras. Nesse sentido, Autor et al. (2015), estudando o Curso de Administração de uma universidade pública e outra privada, concluem que com o intuito de melhor preparar os formandos em Administração para o mercado globalizado, deveria ser incluída a língua inglesa como disciplina parte do currículo do Curso.

Na mesma linha, para Kienle e Loyd (2005), a educação superior tem um papel crucial na formação da cultura e da sociedade, sendo que a educação superior precisa estar preparada para formar os profissionais do amanhã e os chamados para lidar com um mundo e cenário cada vez mais sem fronteiras. Esses autores afirmam que os Cursos de Administração devem preparar seus docentes de forma global, com o intuito de melhor conectá-los ao contexto mundial, para dessa forma, serem capazes de transferir esse contexto aos formandos. Somado ao anterior, está a necessidade de existir uma cultura empreendedora na universidade que possa ser compartilhada e transferida tanto para os alunos quanto para a sociedade (Jongbloed et al., 2008), e de igual meneira, necessários são professores com a capacidade de fomentar a aquisição das habilidades necessárias para empreender nos alunos (Vieira et al., 2013).

Considerando os pontos e aspectos supracitados em relação ao Curso de Administração, à inclusão recente do empreendedorismo como disciplina dentro das grades dos cursos de administração, à falta de pesquisa tanto na área do empreendedorismo, quanto na área de interesse deste estudo, o EI, bem como aos desafios de empreender internacionalmente e junto com isso o necessário preparo dos futuros administradores/empreendedores, verifica-se o abrangente que se apresenta o desafio para

formadores, bem como para os futuros profissionais. Assim, faz-se mister entender como é abordado o EI nos cursos superiores de administração no Brasil, sendo que o tema dentro do qual o EI poderia ser contemplado, ou seja, o empreendedorismo, se apresenta negligenciado e dando ainda passos iniciais no Brasil (Flores, Hoeltgebaum & Silveira, 2008; Henrique & Cunha, 2008; Vieira et al., 2013; Silva & Patrus, 2017).

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O objetivo deste estudo é descrever a abordagem do EI em cursos superiores de administração no Brasil. Com tal objetivo, primeiramente foi realizado um levantamento documental (Creswell & Creswell, 2017) no *site* das 69 universidades federais brasileiras, em que buscou-se saber se, e quais cursos de administração abordavam o tema EI, e de que forma, seja como uma disciplina diretamente ou de forma indireta dentro de alguma outra. Considera-se de forma direta quando a disciplina é nomeada como empreendedorismo internacional ou internacionalização de empresas. Indiretamente, se considera quando outra disciplina aborda o tema em questão. Especificamente, buscou-se identificar a existência da disciplina sob os nomes mencionados dentre currículos e projetos pedagógicos dos cursos de administração das universidades federais brasileiras.

Realizou-se um processo de organização dos dados levantados para apresentar as informações de cada curso. Essas informações compreendiam a “sigla” da IES, se abordava a disciplina “diretamente”, ou seja: sob a denominação de Empreendedorismo Internacional ou Internacionalização de Empresas, ou se aborda o tema de forma “indireta”, quer dizer, em uma disciplina com outro nome (ex. negócios internacionais). Além disso, se a disciplina, quando presente, era “obrigatória” ou tratada como “conteúdo” optativo, e na inexistência da abordagem do tema, “sem disciplina”. Os casos de indisponibilidade da informação procurada, foram chamados de “sem informação”, as IES que não possuem curso de administração, foram nomeadas como “sem curso de administração”. Cabe mencionar que no levantamento não foram considerados cursos de administração pública.

Os dados (i.e., as ementas das disciplinas) foram coletados diretamente dos sites das universidades ou, alternativamente, por email – recebidos após solicitado aos coordenadores dos cursos – e foram analisados por meio da análise lexical (Lahlou, 1994) e análise de conteúdo (Bardin, 2011). Para tanto, foi utilizado o software Iramuteq (Ratinaud, 2014).

Especificamente, foi empregada a técnica Classificação Hierárquica Descendente (CHD), obtida pelo Método de Reinert (1983), na qual se realiza a subdivisão do *corpus* em função dos seus respectivos vocábulos, o que proporciona o surgimento de classes com vocábulos semelhantes entre si e diferente das demais.

Na avaliação da associação entre os vocábulos e as classes, foi utilizado o teste qui-quadro e o nível de significância estatística, consensual em ciências sociais aplicadas, de 0,05. A CHD foi representada num dendrograma, o que permitiu identificar as partições que foram feitas no *corpus*, assim como a interação entre as classes.

Acrescenta-se que no processamento dos dados o Iramuteq foi parametrizado para eliminar da análise os “artigos” e as “preposições”, após a primeira rodada de processamento, pois essas classes gramaticais não foram consideradas chave para indexação do *corpus*. Por fim, na Tabela 1 mostra-se o plano amostral do estudo.

Tabela 1.
Plano amostral

Elementos	Descrição
Universidades Federais Brasileiras	69
Não possui curso de Administração (-)	12
Subtotal 1 (recorte operacional)	57
Não trata do tema (-)	32
Sem informação (-)	3
Subtotal 2 (universo de interesse)	22
Amostra (total ementas obtidas)	19
Extensão geográfica	Brasil
Extensão temporal	2022

Fonte: Elaborado pelos autores

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O levantamento feito nos sites das 69 IES federais brasileiras derivou na obtenção das seguintes informações: das 57 universidades que ofereciam curso de Administração, somente 4 cursos contém e abordam a disciplina procurada de forma direta, ou seja, sob um dos nomes antes informados: empreendedorismo internacional ou internacionalização de empresas. Observou-se que nos 4 cursos o nome da disciplina era internacionalização de empresas (numa delas era internacionalização das organizações, mas foi considerada da mesma forma).

De forma indireta, ou seja, tratando do tema em alguma outra disciplina, foram identificados 18 cursos de administração, totalizando 22 cursos que abordavam o tema EI dentre as 57 universidades federais brasileiras com cursos de Administração. Alguns dos nomes das disciplinas em que o tema era tratado de forma indireta são: comércio exterior,

comércio exterior e negócios internacionais, gestão de negócios internacionais, comércio internacional, entre outras.

Além disso, foi identificado que 32 cursos de administração não tratavam do tema EI de forma direta nem indireta. Em 3 das universidades, observou-se que não existia informação disponível sobre o curso nem da forma de oferta da disciplina buscada. Por outro lado, 12 das 69 IES não possuem curso de administração em sua oferta acadêmica. Dos 22 cursos de administração que tratavam do tema em questão, obtiveram-se 19 ementas para a posterior análise, sendo que dos 22 cursos, 3 não possuíam a ementa da disciplina ou outro documento que fornecesse a informação da disciplina. Aqui cabe uma ressalva importante, das 3 ementas não disponíveis, 2 correspondem a cursos de administração que segundo suas grades curriculares tratavam do tema de forma direta, sob o nome de internacionalização de empresas. No caso desses 3 cursos sem a ementa, foi enviado um e-mail para os coordenadores de cada curso solicitando-a, mas até a data da análise deste estudo não foram recebidas respostas a essa solicitação.

Outra observação tem relação com a obrigatoriedade da disciplina, sendo que nenhum dos 4 cursos que abordavam a disciplina de forma direta, a exigia de forma obrigatória e em 12 dos 18 cursos em que o tema era abordado de forma indireta, ou seja, numa disciplina com outro nome, era exigida sua obrigatoriedade.

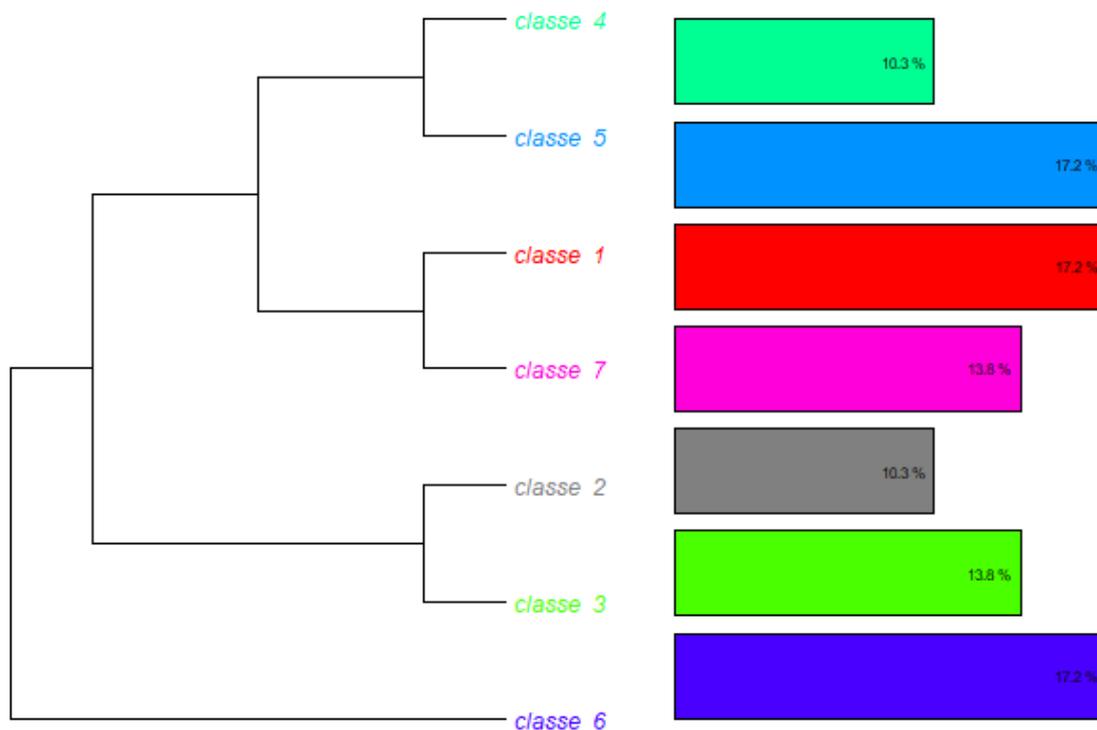
A análise dos dados foi feita por meio de um *corpus* textual constituído por 19 textos (i.e., ementas das disciplinas). A partir da CHD foram analisados 29 segmentos de textos, de um total de 34 (85,29%) que compunham o *corpus*, os quais geraram 7 classes. Esclarece-se que a retenção mínima de segmentos de texto na análise textual é de 75% (Camargo & Justo, 2021, p. 33).

O primeiro *corpus* foi dividido em dois *sub-corpora*, separando a classe 6 do restante. Em seguida, o *sub-corpora* maior foi dividido, originando uma ramificação com as classes 3 e 2 e outra com o restante. Em seguida, a parte restante foi particionada gerando duas ramificações compostas pelas classes 7 e 1, e 5 e 4. Essas classes se mostraram estáveis e o *corpus* foi, assim, composto por sete classes.

A Figura 1 apresenta as sete classes resultantes da CHD.

Figura 1

Classificação hierárquica descendente



Fonte: Output do Iramuteq

A classe 6 foi denominada de “Ambiente para exportação” e absorveu 17,2% dos segmentos de texto. As palavras que se relacionaram com essa classe foram: ambiente, formulação, organização, implementação, gestão, empresa, marketing, multinacional, financeiro e estratégia. Assim, o conteúdo dessa classe envolve, de uma forma mais geral, os aspectos que se relacionam com o comércio internacional, considerando a empresa e processos para o comércio num ambiente internacional.

A classe 3, com 13,79% dos segmentos de texto, foi chamada de “Regime para exportação”. Nesta classe, as palavras relacionadas foram: regime, tributação, aspecto, aduaneiro, cambial, legislação, classificação, fiscal e exportação. Com relação a essa classe 3, observamos um conteúdo direcionado para os aspectos burocráticos e legais para o conhecimento do funcionamento e requisitos para a realização de um processo de exportação.

Em relação à classe 2, esta foi denominada de “Incoterms”, onde se observaram 10,34% dos segmentos de texto, sendo que as palavras aqui presentes foram: incoterms, aduaneiro, financiamento e principal. Em relação à classe 2, vemos que existe uma similitude com a classe 3. A classe 2 além de também tratar de aspectos que consideram o funcionamento do processo de exportação ou importação, aborda diretamente as modalidades para a execução desses processos – exportação/importação -, ou seja, os Incoterms.

A classe 7, denominada como “Tributação” apresentou 13,79% dos segmentos de texto. As palavras relacionadas com esta classe foram: conceito, importação, tributação, procedimento, administrativo, exterior e exportação. Novamente, vemos que nesta classe 7, os aspectos abordados em outras classes e relacionados com requisitos e burocracia para a exportação e importação, estão presentes. Nesta classe 7, além dos aspectos já comentados se incorpora a tributação compreendida no processo de exportação e importação.

Com relação à classe 1, chamada de “Sistema de comércio exterior”, e com 17,24% dos segmentos de texto, as palavras relacionadas foram: sistema, exterior e comércio. A classe 1, assim como a classe 6, observa-se como uma classe mais geral. Aqui se trata o comércio exterior como sistema, em que podemos entender se aborda o Sistema de Comércio Exterior brasileiro e os aspectos atrelados a ele.

A classe 5, em que também se observou 17,24% dos segmentos de texto, foi denominada de “Globalização”. As palavras relacionadas com esta classe foram: globalização, econômico, livre e processo. Esta classe 5, também de forma abrangente, traz aspectos relacionados ao cenário global e ao fenômeno da globalização. Entendemos que aqui, além de se abordar o cenário global, se trataria do processo de inserção da empresa nesse cenário globalizado.

Finalmente, a classe 4 em que foi observado 10,34% dos segmentos de texto, foi chamada de “Internacionalização”. Nesta classe, as palavras relacionadas foram: internacionalização, principal e teórico. Esta última classe de número 4, se entende que se apresenta como a única a tratar da internacionalização como aspecto teórico, indicando que aqui se abordaria a internacionalização da empresa de forma subsidiada por lentes teóricas que se encarregam desse tema.

Assim, ao observarmos as representações das sete classes, emerge uma forte tendência para os temas relacionados ao processo de exportação e importação da empresa, sendo que em cinco das sete classes as formas estão diretamente relacionadas a esses processos (i.e., as classes 1, 2, 3, 6 e 7). No caso das duas demais classes, observou-se um segmento se encarregando dos aspectos teóricos em relação aos negócios internacionais (classe 4) e outro que pode se entender mais atrelado à gestão da empresa em relação à internacionalização (classe 5).

Retomando algumas das lacunas apresentadas neste estudo, em que se considera o EI como área de estudos que nasce a partir do empreendedorismo e dos negócios internacionais (Zahra & George, 2002). Vemos que no caso do empreendedorismo no

Brasil, como área, ainda é pouco estudado (Borges et al., 2013; Leite & Moraes, 2014), e no caso do EI, a situação é ainda menos favorável, sendo que se apresenta com uma pesquisa marginal dentro do empreendedorismo (Bacelar & Teixeira, 2016; Oliveira Junior et al., 2018). Por outro lado, Campos et al. (2020) consideram a oferta do empreendedorismo como uma disciplina nos cursos de pós-graduação *strictu sensu*, ainda muito reduzida.

Os dados obtidos a partir das 57 IES federais brasileiras que possuem cursos de administração demonstram que em 22 cursos, isto é 38,6% é abordado o tema EI. Ainda, dentro desses 22 cursos que abordam o tema, somente 4 o fazem como uma disciplina direta, mas não de forma obrigatória.

Se para Henrique e Cunha (2008), Flores, Hoeltgebaum e Silveira (2008), Vieira et al. (2013) e Silva e Patrus (2017), o empreendedorismo tem sido observado como um tema incluído nas grades curriculares dos cursos de administração de forma tardia e lenta, os resultados obtidos na análise deste estudo indicam um alinhamento com as asseverações desses autores. Por um lado, e considerando a relevância do tema empreendedorismo na atualidade, poderia se esperar que o EI fosse abordado dentro do empreendedorismo como um todo, mas isso não foi observado. Por outro lado, a identificação da abordagem do tema em questão sob outro nome, no caso deste estudo, dentro de outra disciplina afim, seja obrigatória ou optativa, foi mínima.

Dentro da baixa porcentagem de cursos de administração que abordam o tema EI, como já mencionado, há uma tendência para tratar dos temas relacionados ao processo de exportação/importação da empresa. Regulamentação, tributação, Incoterms entre outros, foram os tópicos observados e entendidos como pertencentes à área de comércio exterior. Em detrimento dessa tendência, observa-se que os temas e aspectos relacionados com a gestão e inovação da empresa, seu processo e estratégia de internacionalização, são relegados. Nesse sentido, identifica-se uma falta de conteúdos nas grades dos cursos de administração que possam ir em direção ao preparo do futuro administrador/empreendedor em termos de enfrentar o cenário internacional. Não significando isso que se deve eliminar a abordagem dos temas burocráticos do processo, mas sim uma complementação entre ambas as abordagens visando uma grade curricular mais completa para os cursos de administração e em consonância com os desafios de um cenário internacional dinâmico (UNESCO, 2013; Vahlne & Johanson, 2017; Zahra & George, 2002).

Ainda em relação os aspectos necessários para a complementação da grade curricular dos cursos de administração, está o apelo de Kienle e Loyd (2005) sobre preparar os docentes dos cursos de administração de forma global para melhor conectá-los ao contexto mundial, e dessa forma, serem capazes de transferir esse contexto aos formandos. Entendemos que esse melhor preparo de docentes se possibilitaria se a Pós-graduação no Brasil abordasse mais o tema empreendedorismo e EI nas suas linhas de pesquisas (Borges et al., 2013, Campos et al. 2020). Aquilo se poderia traduzir numa atualização e contribuição para as grades curriculares dos cursos de graduação em administração (Santos & Almeida Filho, 2012), possibilitando por sua vez uma abordagem mais completa do empreendedorismo de forma geral, e mais especificamente do EI.

CONCLUSÃO

O EI no Brasil, ao contrário do que acontece internacionalmente, ainda é uma área de estudo dando passos iniciais para sua inserção nos cursos superiores em Administração. Nesse cenário, este estudo teve como objetivo descrever como o tema EI tem sido abordado nas disciplinas dos cursos superiores de administração das Universidades Federais brasileiras.

Dentre as 69 universidades federais do país, 57 ofertavam o curso de Administração. Dos 57 cursos, 22 tratavam do tema EI; sendo que uma parte mínima o aborda de forma direta (4 cursos) e os demais (18 cursos) de forma indireta.

Os resultados do estudo revelaram que essa abordagem é principalmente teórica e voltada, marcadamente, para os aspectos relacionados com o processo de exportação e importação da empresa, ou seja, abordando questões burocráticas e regulamentárias desses processos. Diante disso, pertinente se faz tecer algumas recomendações:

1. uma maior aderência ao tema EI das disciplinas dos cursos superiores em Administração das universidades federais brasileiras, a fim de contribuir para o avanço em relação ao atual status inicial que ostenta o empreendedorismo quando considerado seu desenvolvimento e abordagem no país, e tema que acolhe, ainda que minimamente, o EI no Brasil;
2. a inclusão, no conteúdo das disciplinas, dos temas relacionados com gestão, inovação e estratégia para um empreendimento internacional materializar sua empreitada de alcançar o mercado internacional;

3. o desenvolvimento do tema ambiente internacional de negócios que a empresa enfrentará nesse processo de expansão internacional;
4. abordar os aspectos relacionados diretamente com o empreendedor para potencializar suas capacidades de gestão e de assimilar o cenário global.

A incorporação dessas temáticas nas disciplinas que já tratam do EI, bem como nos que farão a sua incorporação, podem contribuir para caminhar rumo ao estabelecimento de um modelo mais unificado e consoante com os desafios atuais do ensino e do mercado global.

Em relação às limitações deste estudo, o levantamento e análise se concentraram nas IES federais brasileiras com cursos de Administração. Assim, não foram analisadas eventuais iniciativas sobre EI em projetos de ensino e atividades complementares.

Ademais, a análise se concentrou no conteúdo das ementas das disciplinas disponíveis nos sites das universidades. Não se afasta que elementos da ementa possam ser suprimidos no conteúdo programático desenvolvido na regência e aula ou, ainda, que outros elementos sejam adicionais.

Por fim, a presença do conteúdo na ementa não revela como ele foi lecionado: se de maneira aprofundada ou superficial. Dessa forma, emerge dos resultados uma agenda de pesquisa sobre como os conteúdos relacionados ao EI são desenvolvidos na regência de aula, assim como a investigação sobre atividades complementares e projetos de ensino que possam tratar dessa temática de forma complementar ao encapsulado na ementa da disciplina, a fim de ampliar a compreensão sobre como o EI tem sido abordado nos cursos de Administração. Outras ambiências, como cursos de instituições particulares, por exemplo, também contribuirão para melhor revelar esse cenário.

Espera-se, assim, que os resultados deste estudo e as sugestões dadas possam contribuir para o avanço na pesquisa sobre o EI e na abordagem do tema nas universidades brasileiras.

REFERÊNCIAS

- Bacelar, S. D., & Teixeira, R. M. (2016). Produção científica sobre empreendedorismo no Brasil: estudo bibliométrico das publicações em periódicos e eventos entre 2008 e 2014. *IX EGEPE, Passo Fundo, RS. Anais... Passo Fundo*.
- Baier-Fuentes, H., Merigó, J. M., Amorós, J. E., & Gaviria-Marín, M. (2019). International entrepreneurship: a bibliometric overview. *International Entrepreneurship and Management Journal*, 15, 385-429.

Bardin, L. (2011). *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Ed. *Revista e Ampliada*.

Borges, C., Najberg, E., Ferreira, V. R. S., & Costa, C. S. (2013). Perfil das recomendações dos pesquisadores brasileiros às políticas públicas de empreendedorismo. *Administração Pública e Gestão Social*, 02-09.

Camargo, B. V., & Justo, A. M. (2013). Tutorial para uso do software de análise textual IRAMUTEQ. *Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina*, 1-18.

Campos, R. C., Valadares, G. C., Andrade, D. M., & Lopes, M. A. (2020). Empreendedorismo como Contribuição para Formação Docente na Pós-Graduação Brasileira/Entrepreneurship as Contribution to Professor' S Formation in the Brazilian Post-Graduation. *Revista FSA (Centro Universitário Santo Agostinho)*, 17(7), 176-199.

Coelho, D. B., & Oliveira Junior, M. D. M. (2016). A internacionalização de empresas na agenda governamental contemporânea de desenvolvimento: reflexões críticas e analíticas para os negócios internacionais. *Cadernos Ebape. br*, 14, 527-550.

Creswell, J. W., & Creswell, J. D. (2017). *Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches*. Sage publications.

Dunning, J. H. (1980). Toward an eclectic theory of international production: Some empirical tests. *Journal of international business studies*, 11, 9-31.

Flores, D. C., Hoeltgebaum, M., & Silveira, A. (2008). O ensino do empreendedorismo nos cursos de pós-graduação em administração no Brasil. *Revista de Negócios*, 13(2), 93-104.

Henrique, D. C., & Cunha, S. K. D. (2008). Práticas didático-pedagógicas no ensino de empreendedorismo em cursos de graduação e pós-graduação nacionais e internacionais. *RAM. Revista de Administração Mackenzie*, 9, 112-136.

Iizuka, E. S., De Moraes, G. H. S. M., & de Andrade Santos, A. (2015). Produção acadêmica em empreendedorismo no Brasil: análise dos artigos aprovados nos eventos da Anpad entre 2001 e 2012. *Administração: Ensino e Pesquisa*, 16(4), 723-749.

Johanson, J. Vahlne, J. E. (2017). The internationalization process of the firm—a model of knowledge development and increasing foreign market commitments. In: *International business*. Routledge, p. 145-154.

Jongbloed, B., Enders, J., & Salerno, C. (2008). Higher education and its communities: Interconnections, interdependencies and a research agenda. *Higher education*, 56, 303-324.

Kienle, A. W., & Loyd, N. L. (2005). Globalization and the Emergence of Supranational Organizations: Implications for Graduate Programs in Higher Education Administration. *College Student Journal*, 39(3).

Knight, G. A., & Cavusgil, S. T. (2004). Innovation, organizational capabilities, and the born-global firm. *Journal of international business studies*, 35, 124-141.

Knight, G. A., & Liesch, P. W. (2016). Internationalization: From incremental to born global. *Journal of world business*, 51(1), 93-102.

Autor. (2007).

Lahlou, S. (1994). L'analyse lexicale. *Variances*, (3), 13-24.

Leite, Y. V. P., & de Moraes, W. F. A. (2014). As dimensões do empreendedorismo internacional: uma proposição de um framework. *Revista Ibero Americana de Estratégia*, 13(4), 91-106.

Meyer, K. E. (2017). International business in an era of anti-globalization. *Multinational Business Review*, 25(2), 78-90.

Oliveira Junior, A. B. D., Gattaz, C. C., Bernardes, R. C., & Iizuka, E. S. (2018). Pesquisa em empreendedorismo (2000-2014) nas seis principais revistas brasileiras de administração: lacunas e direcionamentos. *Cadernos EBAPE. BR*, 16, 610-630.

Oliveira, X. L. A. C., Cabanne, C. L. S. M., & Teixeira, R. M. (2020). Metodologias qualitativas de pesquisa em empreendedorismo:: revisão de estudos nacionais publicados de 2010 a 2015. *Revista da micro e pequena empresa*, 14(1), 3-25.

Autor. (2021).

Autor. (2015).

Oviatt, B. M., & McDougall, P. P. (2005). Toward a theory of international new ventures. *Journal of international business studies*, 36, 29-41.

Ratinaud, P. "IRAMUTEQ: Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires-0.7 alpha 2", disponível em: <http://www.iramuteq.org>. (acesso em 04 de abril de 2022).

Reinert, A. (1983). Une méthode de classification descendante hiérarchique: application à l'analyse lexicale par contexte. *Cahiers de l'Analyse des Données*, 8(2), 187-198.

Reuber, A. R., Knight, G. A., Liesch, P. W., & Zhou, L. (2018). International entrepreneurship: The pursuit of entrepreneurial opportunities across national borders. *Journal of International Business Studies*, 49, 395-406.

Santos, F. S., & de Almeida Filho, N. (2012). *A quarta missão da universidade: internacionalização universitária na sociedade do conhecimento*. Imprensa da Universidade de Coimbra/Coimbra University Press.

da Silva, J. F., & Patrus, R. (2017). O "bê-á-bá" do ensino em empreendedorismo: uma revisão da literatura sobre os métodos e práticas da educação empreendedora. *Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, 6(2), 372-401.

Schweizer, R., Vahlne, J. E., & Johanson, J. (2010). Internationalization as an entrepreneurial process. *Journal of International Entrepreneurship*, 8, 343-370.

TEIXEIRA, M. J., MANDELLI, I. A. M., & PICCHIAI, D. (2018). CONTRIBUIÇÃO DAS TEORIAS COMPORTAMENTAIS E ECONÔMICAS NAS ESTRATÉGIAS DE INTERNACIONALIZAÇÃO DE EMPRESAS BRASILEIRAS. *RACRE-Revista de Administração*, 18(22).

Thomas, E., & Pugh, R. (2020). From 'entrepreneurial' to 'engaged' universities: social innovation for regional development in the Global South. *Regional Studies*, 54(12), 1631-1643.

Unesco. (2013). *Global Citizenship Education: Preparing Learners for the Challenge of the 21st Century*. United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO).

Education, G. C. (2015). Topics and learning objectives.

Vahlne, J. E., & Johanson, J. (2017). From internationalization to evolution: The Uppsala model at 40 years. *Journal of International Business Studies*, 48, 1087-1102.

Vieira, S. F. A., Melatti, G. A., Oguido, W. S., Pelisson, C., & de Negreiros, L. F. (2013). Ensino de empreendedorismo em Cursos de Administração: um levantamento da realidade brasileira. *Revista de Administração FACES Journal*, 12(2), 93-114.

Will, J. M. D. S., & Pacheco, J. A. (2012). Currículo e gestão curricular: uma reflexão inicial.

Zahra, S. A. (2021). International entrepreneurship in the post Covid world. *Journal of World Business*, 56(1), 101143.

Zahra, S. A., & Garvis, D. M. (2000). International corporate entrepreneurship and firm performance: The moderating effect of international environmental hostility. *Journal of business venturing*, 15(5-6), 469-492.

Zahra, S. A., & George, G. (2017). International entrepreneurship: The current status of the field and future research agenda. *Strategic entrepreneurship: Creating a new mindset*, 253-288.

Zahra, S. A., Newey, L. R., & Li, Y. (2014). On the frontiers: The implications of social entrepreneurship for international entrepreneurship. *Entrepreneurship theory and practice*, 38(1), 137-158.

International Entrepreneurship in Brazilian business administration courses

Abstract

The objective of this study was to describe how the topic of International Entrepreneurship has been approached in the disciplines of Business Administration courses in Brazil. To this end, a survey of the study plans of the disciplines of business administration courses of Brazilian federal universities was carried out. The data was investigated through lexical analysis and content analysis. The results indicate that only 4 of the 57 Brazilian federal universities with business administration courses (7%) directly offer the discipline of international entrepreneurship. In addition, it emerged from the hierarchical analysis and the content analysis that, for the most part, the contents of the careers are related to the bureaucratic and regulatory aspects of export and import. Greater adherence to the topic of international entrepreneurship is suggested, both in undergraduate and postgraduate courses to contribute to its advancement in the country.

Empreendedorismo Internacional em Cursos Superiores de Administração Brasileiros.

Likewise, the inclusion of topics such as innovation, management, and strategy for internationalization; international environment that the company faces; as well as aspects directly related to the entrepreneur that enhance their management skills and the ability to assimilate the global scenario.

Key words: International entrepreneurship, Business administration courses, Brazilian federal universities

Emprendimiento Internacional en carreras universitarias de administración de empresas brasileñas

Resumen

El objetivo de este estudio es describir cómo el tema del Emprendimiento Internacional ha sido abordado en las disciplinas de las carreras de educación superior en administración de empresas en Brasil. Para ello, se realizó un levantamiento sobre los planes de estudio de las disciplinas de las carreras de Administración de Empresas en las universidades federales brasileñas. Los datos fueron investigados mediante análisis léxico y análisis de contenido. Los resultados indican que solo 4 de las 57 universidades federales brasileñas con carreras de Administración de Empresas en Brasil (7%) imparten directamente la disciplina Emprendimiento Internacional. Además, surgió del análisis jerárquico descendente y del análisis de contenido que, en su mayoría, los contenidos de las carreras están relacionados con los aspectos burocráticos y regulatorios de exportación e importación. Se sugiere una mayor adhesión al tema del Emprendimiento Internacional, tanto en las carreras de educación superior en administración de empresas como en los estudios de posgrado, a fin de contribuir a su avance en el país. También se sugiere, la inclusión de temas como innovación, gestión y estrategia para que la empresa llegue al mercado internacional; el entorno internacional al que se enfrentará la empresa en este proceso; así como aspectos directamente relacionados con el emprendedor que potencien sus capacidades de gestión y asimilación del escenario global.

Palabras clave: Emprendimiento internacional, Carreras en administración de empresas, Universidades federales brasileñas